

REESCREVENDO UM PAÍS

A CRIAÇÃO LITERÁRIA COMO SUBVERSÃO DA/NA LÍNGUA PORTUGUESA

Viviane de Cássia Maia TRINDADE¹
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

RESUMO: Por meio da leitura do romance *Terra Sonâmbula*, do escritor Mia Couto, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a maneira como a língua portuguesa, imposta pelos colonizadores, é subvertida através da criação literária. Buscar-se-á elucidar algumas estratégias usadas pelo autor ao entrelaçar a tradição e o moderno no exercício de uma escrita oralizada, sem padrões fixos que regularizem esta língua outra. Como exemplo, serão analisados os efeitos de sentido criados por alguns neologismos, que dão mais expressividade à língua, e provérbios que, na obra, aparecem com sentidos invertidos, muitas vezes embaralhando palavras, imagens e os significados originais, criando, assim, novas palavras e novas formas de dizer as coisas e o seu estado. Tais estratégias se revelam como técnica narrativa desse autor que, a partir de um movimento de renovação da tradição moçambicana, no dizer de Inocência Mata (1998, p. 264), atualiza o processo de criatividade linguística inovando uma ideologia de expressão para pensar e dizer o país no período pós-colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Subversão à língua portuguesa. Neologismos. Provérbios.

Lidar com a língua portuguesa, entre os escritores africanos, parece ser sempre uma oportunidade de subversão da língua imposta pelo colonizador. As estratégias variam: mistura da realidade com fantasia de forma mágica, criando entrelaçamentos entre a tradição e o moderno; a invenção de escrita que dialoga com a oralidade, sem que padrões fixos regularizem esta língua outra, que vai sendo criada à medida que é usada; a hibridação cultural como identidade. Essas investidas na língua, a partir da literatura, evidenciam um movimento que é constante em busca de feições próprias tanto de nação como de produção literária e intelectual. No presente estudo, será feita uma análise da obra *Terra Sonâmbula*, buscando ressaltar elementos de subversão presentes na escrita de Mia Couto.

Nesse romance, pode-se perceber a consciência do escritor do seu papel na intervenção do processo linguístico com a finalidade de exprimir, em língua portuguesa, as raízes culturais de Moçambique, transformando a língua do colonizador na língua que adquire os valores africanos, sem que, com isto, *Terra Sonâmbula* se torne uma obra panfletária. Há, nesse livro, dois planos de narrativas, um de que fazem parte Muidinga e Tahir, expresso no presente; outro feito por Kindzu, nos cadernos. Segundo Rosânia Silva (1994, p.58-59), na história narrada no presente, há uma maior contenção no que se refere às inovações; já a linguagem utilizada nos cadernos, na narrativa passada, é mais elaborada e mais sujeita às transgressões. A professora ainda acrescenta que o próprio Mia Couto se pronuncia sobre o recurso de criação verbal, dizendo acreditar que a língua portuguesa deve ser ensinada pelas normas, e que o aparecimento das variantes deve ser resultado não da ignorância, mas de uma proposital incursão de culturas. O que demonstra ser esta uma técnica consciente da criação literária de Couto.

Uma forma recorrente de transgressão de linguagem encontrada no romance em estudo é o uso de neologismos, estratégia literária que torna a língua ainda mais expressiva.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC-Minas. Bolsista tipo II da Capes

Nessa obra, “Mia Couto faz uso de um português atravessado por expressões, invenções, “brincadeiras”, como ele mesmo diz, evidenciando o desarranjo que impõe à sua língua literária.” (FONSECA & CURY, 2008, p.23). Existe um trabalho de linguagem, ora para dar o efeito de dilatar, aumentar algo, ora o efeito contrário. Às vezes, mostra a extensão da dor, do sofrimento; outras vezes transmite a ideia de ternura, alegria, esperança. São inúmeros os exemplos encontrados em Terra Sonâmbula que revelam os efeitos sempre poéticos dos neologismos de Couto em formação de adjetivos, verbos, acrescentando outro valor semântico às palavras originais e unindo opostos a fim de apresentar as próprias contradições humanas. Abaixo, apresentam-se alguns exemplos de neologismo presentes no romance de Mia Couto, seguidos de uma breve análise.

- “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam **bambolentos** como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram.” (p.9): bambo + lento – a combinação acertada de duas qualidades que intensificam um estado de cansaço dos dois companheiros de tanto caminhar, sem destino.
- “O velho sai aos desengonços, **tropernando** pelas escadas do machimbombo.” (p.48): tropeçar + perna + desinência verbal – uma brincadeira que exprime a ideia de tropeçar nas próprias pernas, e, sendo já velho, o corpo torna-se sua própria armadilha.
- “O menino cada vez mais se dificultava em falar, **atarantonto**. Ao ver a criança assim rarefeita, Tuahir sentiu descer-lhe da cabeça o coração.” (p.53): atarantado + tonto – o neologismo é uma soma de qualidades que não se opõem, antes, reforçam o estado do menino que, no contexto, foi envenenado.
- “Vejam a pedra em que me sento: parece morta, enquanto não, vive devagarinho, sem barulho. Como eu, conclui. Depois, se volta a zangar, **manifestivo**. O velho **braceja**, boca fora dos bofes.” (p.67): manifestar + festivo – combinação inusitada entre termos que, porém, lembram movimentos corporais frenéticos, típicos de quem está em estado de raiva. Sentido que é reforçado pelo termo seguinte: braço + desinência de verbo, que reforça o sentido de movimentos intensos, nesse caso, dos braços. Nesta passagem há também uma ideia de antítese provocada pelas aparências entre a pedra e o velho. Assim, como a pedra, Tuahir parece morto, inanimado, mas, semelhante a ele, a pedra vive, devagarinho, sem barulho. Nesse jogo de contrários, dá-se uma fina ironia, com grande efeito poético.
- “Mas quando o primeiro fruto foi cortado, do golpe espirrou a imensa água e, em **cantaratas**, o mar se encheu de novo afundando tudo e todos.” (p.24): cantar + cataratas – a junção do verbo com o substantivo permite um efeito quase sinestésico da queda d’água.
- “Certo foi minha mãe, após a viuvez, se **enconchar**, triste como recanto escuro.” (p.24): prefixo em + concha + desinência verbal: o neologismo refere-se a uma ação intencional do próprio sujeito em fechar-se do mundo, pois se o recanto é escuro, assim, está-se protegido do resto do mundo.
- “Farida, cada avanço dele a **doidoendo**. Joelhos no peito, ela se **pequeninava**.” (p.94): doi + doendo – a junção dos termos intensifica a dor de Farida, num sofrimento particular, que se parte

de uma condição psicológica, logo se torna visceral, ideia reforçada pela segunda parte do trecho, tornou-se pequena, dobrando-se sobre si mesma. Já aí, o tom para descrever Farida é de ternura, como que para uma menininha, abandonada à própria dor.

- “Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, **sonhambulante**. Siqueleto esvaído, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada.” (p.137): sonho + ambulante – esse termo é precioso para toda a obra, condição primeira de todos os personagens, marca o estado em que se encontram, vagam pelos espaços sempre duplos do real e do fantástico.

As novas palavras e novas formas de dizer de Mia Couto, de nomear as coisas e o seu estado é uma “[...] prolífera reinvenção do significante e do significado para dizer o país (por vezes quase indizível) [...]” (MATA, 1998, p. 265).

Ainda no campo da linguagem, uma outra configuração das transgressões são os provérbios cujos sentidos são modificados pela sua construção textual invertida. Para Terezinha Moreira (2005, p.113-121), a tradição oral é uma das vozes que atravessa a voz do narrador e manifesta uma concepção de mundo que é informada pelos textos. Paul Zumthor, citado por Terezinha Moreira, considera que o provérbio

[...] se integraria ao discurso constituindo uma estrutura vazia a ser preenchida conforme o contexto no qual se insere. Por processar o intercâmbio entre texto/contexto, o provérbio promoveria, ainda, a ligação entre esses e os elementos internos do discurso. Ele ocuparia, portanto, um lugar estratégico no enunciado, participando do jogo intertextual e não apenas sendo considerado em seu aspecto isolado. (ZUMTHOR *apud* MOREIRA, 2005, p. 114).

Parece ser isso o que ocorre no trecho que segue, extraído de Terra Sonâmbula: “[...] com a licença do outro, Tuahir recorda a estoriázinha do pai de fazedor de rios. O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado! Habitava na esteira de um rio largo, tão largo que deitava a pequeno qualquer tamanho de outra margem. Lhe doía a vida, indevida em um só indivíduo” (COUTO, 2007, p. 86). No sentido assinalado por Terezinha Moreira (2005), Mia Couto se utiliza do provérbio “*antes só do que mal acompanhado*” para evidenciar justo o contrário. Para marcar como se sente o indivíduo solitário, o provérbio é expresso pelo personagem no sentido inverso, enfatizando seu descontentamento com uma vida sem companhia e desejando a presença de alguém independente de quem seja.

Na sequência dessa “estoriázinha” contada por Tuahir, uma expressão é utilizada de forma subvertida. Tendo esse homem solitário avistado na outra margem do rio um outro ser, improvisa uma jangada para ir a seu encontro. O narrador prevê um naufrágio expressando-se da seguinte forma: “A barçaça não resistia, o caudal do rio a ver com quantos paus se desfaz uma canoa” (COUTO, 2007, p. 87). O efeito de humor provocado pelo jogo de palavras e sentidos empregados aqui revelam a eficácia expressiva da desconstrução de frases feitas e a edificação de outro sentido pelo contexto.

O provérbio “*água mole em pedra dura tanto bate até que fura*” é modificado para falar da condição de total instabilidade do caráter humano “nos atuais dias”, mais precisamente dos administradores autoritários e corruptos que exerciam poder de morte e vida sobre todos. E, Kindzu, ao ser surpreendido por uma ordem de Shetani, o administrador, para

acompanhá-lo sob a mira de uma pistola, mantinha-se sob alerta, suspeitando das artimanhas do homem. Por isso a situação em que Kindzu estava foi descrita do seguinte modo: “Estava numa dessas situações em que nem água é mole nem a pedra é dura” (COUTO, 2007, p. 141).

Em outra passagem, o mesmo Shetani, em tom de ameaça, refere-se a Quintino: “Este gajo tem os dias descontados!” (COUTO, 2007, p. 130). A troca dos termos “contados”, da expressão original, por “descontados” cria um efeito de mais precisão do significado, deixando, assim, bem claras as intenções do administrador em relação ao bêbado Quintino.

Também a expressão “Os dois se riram, alto e mau som.” (COUTO, 2007, p. 131) refere-se a Shetani e a um de seus comparsas. Nessa situação, quando aquele diz qualquer coisa ao ouvido de Abacar sobre a prostituta cega, na troca de “bom som” para “mau som”, tem-se um efeito eficiente do sentido de malícia na conversa trocada entre os dois personagens.

Com a intenção de expressar a decadência das relações em que se encontram as pessoas, na passagem em que Kindzu se encontra com a prostituta cega, Juliana Batista, em um bar cheio de bêbados, reduto naquela terra em guerra, ouve-se do narrador a seguinte frase quando Juliana manda sair seu cão-guia: “Obediente o cachorro meteu as pernas entre o rabo e saiu.” (COUTO, 2007, p.131). Essa expressão trocada provoca um embaralhamento das imagens entre pernas e rabo, além do que o termo rabo sendo deslocado para o fim da frase fixa o leitor no sentido duplo, malicioso da situação que envolve a prostituta e suas atividades. Ao alterar o dito, o provérbio soma ironia ao absurdo. O efeito criado pelo embaralhamento das palavras e imagens expressa a própria condição dos personagens que contracenam nessa passagem, ou estão bêbados ou são cegos.

No sétimo caderno de Kindzu – Um guia embriagado – as expressões e os ditos invertidos que foram analisados são responsáveis pelo sentido insólito das circunstâncias vividas pelas vítimas e algozes numa terra assolada, não só pela guerra, mas também pela falta de caráter e pela covardia. Viver assim é uma temeridade, pode-se traduzir assim o sentido contido nas intempéries narradas por Kindzu. O guia embriagado é Quintino, e ser embriagado ou se fazer de insano são alternativas para garantir a vida. Fingia-se de “tonto”, afinal, “em terra de cego quem tem um olho fica sem ele.” (COUTO, 2007, p. 129).

A estratégia adotada por Mia Couto de estruturação de uma narrativa por meio de provérbios e expressões com termos trocados, invertidos, reelaborados revela a clara intenção do autor de reinventar a língua portuguesa. Assim, esta serve de veículo à cultura do país que já não é mais colônia. Para Inocência Mata (1998), nas estratégias presentes no uso de neologismos, na criação lexical e no provocativo encontro da elocução oral com a elaboração da palavra poética, Couto atualiza o processo de criatividade linguística, que não é só da língua “[...] mas é sobretudo de nova ideologia de expressão, a que parece presidir uma específica *filosofia estilística*”. (MATA, 1998, p.264).

Nas análises que Inocência Mata faz da produção literária de Mia Couto, salientam-se elementos da cultura popular que o autor mobiliza como sistema estruturante para construir a língua com a qual cria suas obras, “[...] que não é apenas construída pelas palavras mas também pelas linguagens (formas simples como mito, máxima, provérbio etc)” (MATA, 1998, p.). Dentro do texto, essas formas são usadas para subverter a linguagem e as ideias pré-concebidas. A eficiência no entendimento do que emerge desse artifício se dá pelos deslocamentos, degradação do conteúdo e desconstrução dos sentidos que são postos pela língua primeira (MOREIRA, 2005, p. 114).

A partir das formas como são inseridos no *corpus*, os enunciados ganham sentidos renovados que funcionam por si próprios. Segundo Inocência Mata (1998, p. 267), essas estratégias do autor revelam não só quais são suas matrizes estilísticas, mas também como estas se conjugam com matrizes socioeconômicas e políticas das culturas tradicionais. Nos

artifícios de linguagem usados por Couto em *Terra Sonâmbula*, as palavras mantêm a sua genuína função de representar “vozes”. A oralidade continua a ser uma força comunicativa,

Apropriando-se das palavras que andam na boca do povo, o autor mastiga-as, digere-as, transformando-as, em suma, usando-as, tornando-as úteis, como fonte de conhecimento e de significação de uma nova cultura em português, cuja designação tem já pouco a ver com a matriz da “última flor do Lácio”. (MATA, 1998, p.).

Em Moçambique, assim como em outros países africanos de colonização europeia, a construção de identidade se faz em meio a grandes contradições, a partir do confronto entre etnias e culturas diversificadas. Os espaços são marcados por uma política de assimilação cultural, e sendo a língua um veículo privilegiado para exercer a dominação o é também para a libertação. Na clássica metáfora de Caliban e Próspero encontram-se os instrumentos conceituais de subversão do poder instituído pela língua do outro. Em *A tempestade*, última obra de Shakespeare, o disforme Caliban, que teve sua ilha roubada por Próspero, foi escravizado e teve de aprender uma nova linguagem, e, com aquelas palavras, interpela seu algoz: “Ensinaste-me a falar; disso, o meu único proveito é saber amaldiçoar. Que a peste rubra vos roa, por me haverdes ensinado a vossa língua!” (SHAKESPEARE *apud* RETAMAR, 1998, p.17).

A subversão ao mundo imposto pelo outro se dá também pela instituição de novos mundos e realidades, nisso a literatura tem papel decisivo. Ao buscar na obra uma justificativa para o título, *Terra Sonâmbula*, pode-se destacar o estado de sonho, do transe como efeito de ritos ou a leitura dos cadernos numa referência direta à literatura como uma outra forma de mostrar o vivido. A literatura é o lugar por excelência da expressão/problematização da linguagem, na relação/oposição entre realidade e ficção ou verdade e ilusão. As práticas literárias propõem a reconstrução do mundo pelas palavras (MOISÉS, 1990, *passim*), já que o mundo em que vivemos não é satisfatório. A literatura nasce da falta e a linguagem, ao tentar supri-la, continua sentida como falta. Nessa perspectiva é que os neologismos criados por Mia Couto são *tentativas de dar conta* da nova realidade política, ideológica, social e cultural de Moçambique. Assim, sem que as tensões entre realidade e ficção sejam resolvidas, ao leitor é dada a oportunidade de entrever um outro mundo, ainda que provisório. Nesse entrecruzamento de realidade e ficção, o efeito de linguagem de Mia Couto, em *Terra Sonâmbula*, provoca uma suspensão irremovível, tanto da realidade como da ficção.

No processo de verossimilhança, o texto revela, ou antes, é onde se dá a consciência de que já não será fácil subsistir em equilíbrio quando se perde a crença em qualquer possibilidade de romper com o caos e as falhas do real no mundo. Assim, em *Terra Sonâmbula*, a história começa e termina na estrada, no mesmo ponto em que para alguns esta já havia acabado no machimbombo. São várias as passagens que comprovam isso:

- “A estrada me descaminhou. O destino o que é senão um embriagado conduzido por um cego?” (p. 203).
- “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra.” (p. 9).
- “Aquele elefante se perdendo pelos matos é a imagem da terra sangrando, séculos inteiros moribundando na savana.” (p. 38).

- “Que fala de uma viagem cujo único destino era o desejo de partir novamente.” ().

Entretanto, a leitura dos cadernos reavivará nos olhos desses caminhantes a capacidade de sonhar outra vez. E, no entorno, verão a vida vencer o seu eterno combate contra a destruição e o caos. A escrita como transformadora da relação dos homens com a sua realidade e com o que está a sua volta torna-se encantamento graças à leitura coletiva, canto comum, tão necessário quanto os alimentos da terra. “O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividissem aquele encanto como sempre repartiram a comida” (Couto, 2007, p. 139). A leitura aqui evoca o poder da literatura, que por sua vez evoca outro mundo. Os cadernos de *Kindzu* são relatos ou testemunho de uma realidade vivida, mas é também a insinuação da literatura como possibilidade de um entendimento diferente, através de uma leitura poética, recreativa do que está na realidade.

É com esta mesma errância que Mia Couto institui a linguagem em sua obra. Na construção lexical e dos significantes a escrita é dilatada, dilacerada, distendida, líquida. É dessa forma que no campo da enunciação se pode entender que a condição dos personagens de *Terra Sonâmbula* é da incerteza identitária, de nenhum modelo uno, dogmático de identidade.

A escrita se movimenta em um espaço aberto, rumo ao diverso que constitui e é constituído na e pela nação moçambicana. Assim, a narrativa de Mia Couto resgata histórias e sonhos, e, ao fazê-lo, “tece a poética de uma Relação que trama a tessitura das dinâmicas de resistência dos excluídos, em suas lutas cotidianas pela sobrevivência” (ROCHA, 2002). À prerrogativa do real, da guerra, do mundo esfacelado e corrompido, o autor reage com ironia. Ao criar uma ficção que tem como referente o seu país assolado, constrói uma narrativa em que a terra está sonâmbula, porque todos transitam nos espaços entre a realidade, a ficção, no mundo dos mortos, dos vivos, da magia, dos rituais, movimentando-se em busca da vida, da sobrevivência. Outros mundos são inventados, recriados por artifícios de linguagem, a qual funda uma nova “geografia linguística, uma nova ideologia para pensar e dizer o país.” (MATA, 1998, p. 264). E, no exercício de uma escrita oralizada, adquire-se o poder de metamorfosear o imaginário dos viventes. Ao subverter a língua, o moçambicano pode fundar, com a literatura, uma nova nação a partir de suas histórias, dos sonhos, da tradição, dos excluídos e de suas lutas de resistências.

Referências

- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth. Contornos das nações literárias no universo da “falescrita”. **Literatura Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 147-153, jan. 1998.
- FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. Reinvenções e deslocamentos em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. In: MARI, Hugo *et al.* **Ensaio sobre a Leitura 2**. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2007. v. 2, p. 241-256.
- MATA, Inocência. A alquimia da Língua Portuguesa nos portos da expansão em Moçambique, com Mia Couto. **Literatura Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 262-268, jan. 1998.
- MOISÉS, Leyla-Perrone. **A criação do texto literário**. Flores da escrivãzinha, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz:** a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Ed. PUCMINAS, 2005.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Caliban e outros ensaios.** São Paulo: Busca Vida, 1988.

ROCHA, Enilce. A errância e os nomadismos, na escrita de Mia Couto, em Terra sonâmbula. In: VIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2002, Belo Horizonte. **Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC**, 2002, CD-ROM.

SILVA, Rosânia Pereira da. **Mecanismos de subversão na literatura moçambicana:** Vozes anoitecidas de Mia Couto. 1994. 179 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa – Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.